

# Superávit distante

Os noticiários e análises da imprensa repisam à idéia de que as grandes multinacionais que operam no Brasil, por terem suas importações agravadas depois que o real passou a valer menos diante do dólar, optaram por exportar mais e comprar menos no exterior. O que seria perfeitamente compreensível, desde que estas empresas, ao atuarem em diferentes mercados, mantêm forte intercâmbio entre suas filiais. Com o real desvalorizado, tornou-se mais conveniente para elas exportar o máximo e importar o mínimo.

Essa versão dos acontecimentos, fundamentada nas condições atuais, não atenua uma outra situação que se manifesta desde o surgimento do real e ganhou força com a aceleração do programa nacional de privatizações. Estudo do economista Maurício Mesquita Moreira, do BNDES, descoberto pelo correspondente do *Jornal de Brasília* no Rio de Janeiro, Coriolano Gattó, mostra que uma outra realidade se sobrepõe à idéia mais difundida sobre a atuação das multinacionais.

De acordo com ele, existem evidências de que as empresas estrangeiras mantêm a propensão de importar duas vezes mais que as nacionais. Com a crescente internacionalização do capital das companhias brasileiras, nem a desvalorização cambial consegue reverter esta tendência. O que, em última análise, significa que o País precisará se esforçar muito mais que inicialmente se previa, para conseguir o quase inalcançável superávit comercial de US\$ 11 bilhões negociado com o FMI.